

Tributo ao mestre

"Atravessa o mundo e suas alegrias, procura o amor, aguça com astúcia a gana de criar."

Osman Lins, "Pentágono de Hahn", *Nove, novena*

Sopro criador, marco na literatura brasileira, *Nove, novena*, de Osman Lins, tem encantado leitores e estudiosos desde a publicação, em 1966. Os primeiros artigos e estudos sobre o livro já atestavam a originalidade e a beleza das narrativas que inauguravam a segunda fase da ficção osmaniana. Ensaístas como Anatol Rosenfeld, Benedito Nunes, João Alexandre Barbosa e, mais tarde (ainda em ordem alfabética), Ana Luiza Andrade, Ermelinda Ferreira, Regina Igel, Sandra Nitrini e diversos outros analisaram inumeráveis aspectos dos textos.

Alguns deles: o virtuosismo e a dimensão cósmica, a multiplicidade de vozes narrativas, o uso de símbolos gráficos, a musicalidade e o ornamento, a contribuição do novo romance francês na fatura literária etc. Uma rápida pesquisa na internet dá ideia da variedade e riqueza desses e outros estudos.

"A meu ver, *Nove, novena* é simplesmente uma obra-prima, um dos maiores livros da literatura brasileira de todos os tempos, o que ainda não foi suficientemente valorizado", escreveu Leyla Perrone-Moisés ("Osman Lins, forma e fôrma", em *Cerrados* nº 37, Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, UnB).

Exceto o organizador deste *Nove, novena variações*, seus coautores são representativos da atual ficção brasileira. Nascidos de 1941 a 1978 (ano da morte de Osman Lins), todos são escritores reconhecidos pela crítica e ganhadores de prêmios expressivos. Como o leitor poderá ler nas notas sobre os autores no final do livro, dois deles conquistaram o primeiro lugar do concorrido e respeitado Casa de las Américas, de Cuba. Outros ganharam o Prêmio de Contos do Paraná, o Prêmio Machado de Assis, da

Academia Brasileira de Letras, uma obteve mais de um Jabuti e vários outros prêmios, outro o Fernando Chinaglia, o Guimarães Rosa, o José Lins do Rêgo etc. etc.

Eles aceitaram o desafio de escrever narrativas inspiradas nas histórias de *Nove, novena*, lançado há 50 anos. Todos sabiam que se tratava de uma aposta antecipadamente perdida, como escreveu Osman Lins na "Apresentação" de *Missa do galo – Variações sobre o mesmo tema*, publicado em 1977. Ao mesmo tempo, ele completou, a aposta de antemão perdida trazia um alívio. Valia a pena homenagear o mestre maior, Machado de Assis. Por sugestão de Jeter Neves, presente neste volume, aquelas afirmações do autor de *Avalovara* e *A rainha dos cárceres da Grécia* são a epígrafe destas *Variações* de *Nove, novena*. Não poderia haver melhor.

Aos colaboradores desta coletânea foi proposta, como inspiração, uma das narrativas osmanianas, no entendimento do organizador mais de acordo com cada autor, mas com ampla liberdade de abordagem. Foi pedido apenas que usassem um novo título e uma epígrafe do texto original de *Nove, novena*. Somente um dos contos não segue esse padrão porque o título incorpora o nome da personagem central da história já presente no original. Na edição, os textos aparecem na ordem das narrativas do livro de Osman Lins.

Sem exceção, todos os autores das novas narrativas se assustaram com o desafio de participar deste tributo a Osman Lins. "Vamos lá, que Deus nos ampare nessa tarefa, uma luta bíblica entre Davi e Golias onde Golias ganha", afirmou num e-mail Ronaldo Costa Fernandes, que escreveu "O mar como testemunha", a partir de "Perdidos e achados". Arrematou: "Que desafio é escrever tendo por pano de fundo Osman Lins. Eu aceito escrever, mas com muito medo de naufragar diante do monumento que é a literatura do pernambucano". O leitor vai constatar que não houve naufrágio.

Após ter escrito o conto, Ronaldo enviou o seguinte depoimento: "Osman é tão portentoso que dialogar com sua narrativa vai mais além do desafio: é obra de introjetar um grande texto. Primeiro, ser tomado por dicção personalíssima. Depois, desfazer-se dessa grande possessão para expressar-se em linguagem própria. Nunca quis alcançar a voz osmaniana (nem podia), apenas de-

sejei votar-lhe um elogio, uma prece, uma admiração. Escrevi o conto com encantamento de poder ‘conversar’ com o mestre”.

A W. J. Solha coube a tarefa talvez mais árdua: escrever uma história inspirada em “Retábulo de Santa Joana Carolina”, novela central de *Nove, novena* e que Leyla Perrone-Moyses considera “a obra-prima dentro da obra-prima”. Solha já havia escrito contos inspirados em originais de Guimarães Rosa e Machado de Assis. Sobre a nova experiência, ele relata: “Como digo no começo do ‘Brainstorming’, eu estava empenhado (mas não gostando da ideia) numa suposta adaptação da narrativa do Osman Lins para o cinema, quando tive o sonho de que falo e mudei tudo, a partir deste desenho animado, em que o velho joga xadrez com ele mesmo, e de minha semelhança com Erland Josephson, um dos grandes atores de Bergman. O resto... é o resto”. Um tributo à narrativa de *Nove, novena*.

Para Beatriz de Almeida Magalhães, escrever a partir do “Pentágono de Hahn” foi “uma instigante aventura” literária. A autora de “Panóptico de Hahn” sublinha que, no original osmaniano, por onde a companhia circense passa, a elefanta agita a imaginação do público. “E, ao passo, a nossa faculdade imaginativa é ativada pela magia caleidoscópica de Osman Lins: afloram, magnificadas, as memórias do circo”. Beatriz viu-se num impasse: “Como ecoar ‘Pentágono de Hahn’, plenitude intocável?”. Então, ela deu apenas este giro, opção “coerente por valer-se da espacialidade” presente, desde o título, no texto original: “Tornar a elefanta revolucionária do imaginário coletivo em observadora. Ao inverter a perspectiva, subverte-se a arquitetura de vigilância de animais da Ménagerie de Louis Le Vau, octógono com humanos no centro, em essência circular como o circo, e provável inspiração para o Panopticon de Jeremy Bentham, dispositivo similar de vigilância de humanos por um humano”. O recurso teve efeitos: “A troca de ponto e sujeito da observação fez transmutar o título e buscar na infância o circo que entrou na vida de uma cidade na pessoa do menino da trupe”. Ela fez dessas reflexões arte, como podemos conferir no conto.

Stella Maris Rezende, autora de “Todo o tempo do mundo”, inspirado em “Um ponto no círculo”, mandou estas linhas: “Escrever esse conto foi uma experiência marcante. Renovou a imen-

sa admiração que tenho pelo estilo do grande Osman Lins e me deu a oportunidade maravilhosa de criar uma narrativa-homenagem, experiência artística que muito me honra”.

Sílvio Fiorani, autor de “Ressurreição”, a partir de “Pastoral”, concorda com os companheiros desta coletânea: é um desafio trabalhar tendo como referência um conto de Osman Lins. “Além de fino artesão da linguagem, ele foi um renovador das estruturas narrativas. Ler *Avalovara* no início dos anos 1970 foi como desbravar uma selva de formas claras e estruturas complexas. Compreendi que aquele edifício formal estava ali para guiar os leitores e não os desorientar; havia um mapa (o célebre palíndromo) indicando que uma grande viagem estava para começar, uma nova viagem osmaniana, em seguida àquela a que Osman dera o nome de *Nove, novena*, da qual ‘Pastoral’ saltou fora e veio agora ao meu encontro. Em se tratando de um texto enigmático, não procurei desvendá-lo, nem facilitar a sua compreensão. Deixei que meu interposto *alter ego* o esclarecesse apenas para mim, recobrando um tanto daquilo que eu depreendera de minha leitura de *Avalovara*. Deixei, pois, que minha alma desse conta do desafio. Assim, prevaleceu a máxima enunciada em dado momento por um meu personagem: ‘A alma não compreende; apenas assimila’. Em tempo, Francisco Rovelli é o *alter ego* que acabo de mencionar, narrador em primeira pessoa de meus romances *O evangelho segundo Judas* e *Investigação sobre Ariel*”.

Apenas uma das narrativas de *Nove, novena variações* não foi escrita especialmente para essa homenagem, mas é como se tivesse sido, e trata-se ainda de uma exceção noutro aspecto. Ao receber o convite para escrever um conto inspirado em “Os confundidos”, sobre um casamento em crise, Marília Arnaud pediu mais tempo para enfrentar o desafio porque precisava descansar do trabalho com o novo romance, *Liturgia do fim*. Para surpresa do organizador e também de Marília, um dos capítulos do romance parecia inspirado na história osmaniana, como o leitor poderá confirmar com o texto “Perdição”, extraído do romance, com alguns cortes e dividido em três capítulos.

Essa narrativa de Osman Lins ganha aqui ainda outra versão, a de Roberto Menezes, com “Outro círculo”. Há, portanto, duas variações – uma feminina, outra masculina – da história

mas, é tarefa intimidadora”, reconhece Jeter Neves, que escreveu “Divórcio”, inspirado em “Noivado”. Ele diz que “o estímulo para aceitar o desafio veio do próprio Osman Lins”, e cita o trecho da apresentação do mestre à coletânea *Missa do galo – Variações sobre o mesmo tema*, epígrafe deste volume, como já dito, por sugestão do próprio Neves, que sublinha esta parte: “Partiríamos para uma aposta antecipadamente perdida”. Ele continua: “Se tal argumento nos livra da paralisia diante da esfinge, não nos livra por certo da notável façanha de escrever um texto que o autor de *Nove, novena* pudesse acolher fraternalmente”.

O escritor enfrentou a tarefa com determinação e paciência. “Foram meses de corpo a corpo com essa louca ‘matéria do sonho’, na busca aflitiva – mas, por fim, prazerosa – de uma interlocução com a narrativa de Osman Lins”, diz. Ele fez “leituras e mais leituras” de “Noivado”: “A cada desafio, voltava ao texto proposto; em cada uma, sentia ampliada a perplexidade diante dos recursos formais de Osman Lins, da complexa mecânica das vozes e dos elementos narrativos mobilizados”. Jeter Neves, escritor há quase 50 anos, completa: “Sem dúvida, este foi um dos desafios mais instigantes que enfrentei nesses anos de criação literária”. Em “Divórcio”, o escritor traz para a ficção, talvez pela primeira vez no Brasil, a maior tragédia ecológica do País, em conto desde já antológico.

O organizador deste volume está feliz com o resultado e a boa vontade e o empenho dos colegas de ofício que, com humildade e obstinação, aceitaram participar da homenagem ao cinquentenário de um dos clássicos da ficção brasileira. Como disse aos convidados, aqui todos estão muito bem acompanhados, sobretudo o organizador. Ele espera não decepcionar os leitores com o texto “O canto do sonho”, releitura intertextual de “O pássaro transparente”, narrativa que abre *Nove, novena*. Há ainda fragmentos de diferentes textos de Osman Lins e de outros escritores, sempre como homenagem e nunca como rapinagem. Em certos momentos, o novo conto faz paráfrase do original, mas com mudanças na atitude de personagens e no desfecho da história. Variações. Os escritores aqui reunidos esperam que seus contos sejam um convite, um novo estímulo, à leitura ou releitura de *Nove, novena*.

H. A.